

1. Introdução

“Seria imprudente negar, ou mesmo subestimar, a profunda mudança que o advento da ‘modernidade fluida’ produziu na condição humana.” (Bauman, 2001, p. 15).

Desde o início de minha recente vida acadêmica, a possibilidade de o contexto cultural construir e transformar nossos modos de existência me inquieta. Nasci em 1975 e pertencço à geração coca-cola, ou seja, aquela dos filhos dos militantes (e também dos militares) que se enfrentaram na época da ditadura no Brasil por um mundo melhor. Ser da geração coca-cola significa, portanto, pertencer àquele grupo apolítico, consumidor da cultura norte-americana e sem vontade (ou razão) para lutar por um mundo diferente.

Apesar disso, essa mesma geração viu surgir um mundo muito diferente do que havia antes. Nascemos em plena guerra fria e vimos, no final da década de 1980, o muro de Berlim cair e levar com ele o ideal socialista. Depois disso, vimos o mundo antes “polarizado” entre duas potências virar “globalizado”. As fronteiras comerciais entre vários países foram caindo e hoje grande parte dos países da Europa tornou-se uma única comunidade comercial, inclusive com a mesma moeda, o euro.

Se essas mudanças no grande cenário global já eram suficientes para balançar as estruturas anteriores, outras mudanças se fizeram notar para minha geração. Notadamente, tenho voltado minhas atenções para a Internet. Em 1995, após ter saído dos laboratórios das universidades, a Internet tornou-se comercial no Brasil e houve seu *boom*. Veloz (mesmo em tempos pré-banda larga), globalizada, sem fronteiras, a Internet parece ser o ícone dos tempos atuais. Ela concretiza muitas das mudanças recentes no grande cenário global, mas é mais radical: a Internet não está nos jornais ou nos produtos do supermercado. A Internet está dentro da nossa casa, cidadãos de classe média brasileiros. Assim, como uma lente de aumento, ela traz para bem perto as mudanças que o mundo já vinha sofrendo nos últimos tempos.

Eu, juntamente com todos aqueles da geração coca-cola, vivi a maior parte de minha vida sem a Internet. A entrada da Rede, todavia, se deu em um

período em que eu era suficientemente jovem para me deixar absorver por sua lógica sem grandes receios. Essa entrada da Internet no cotidiano, aliado aos primeiros contatos que começava a travar com pesquisa qualitativa, provocou-me uma grande curiosidade.

Em 1995, conheci a professora Ana Maria Nicolaci-da-Costa, que começava a investigar, antes mesmo da Internet comercial, a relação entre a grande Rede e a subjetividade atual. O pressuposto de Nicolaci-da-Costa, do qual compartilho, é que mudanças no contexto em que vivemos geram transformações de ordem subjetiva. Não haveria, assim, como o sujeito sair intocado pelas grandes modificações que o mundo vinha sofrendo e a Internet poderia ser o símbolo e, de certo modo, o motor dessas modificações.

Após alguns anos de pesquisa, na graduação, sobre os impactos subjetivos da Internet, ingressei no mestrado e segui por esse tema. Na ocasião de minha defesa de dissertação, a partir das observações feitas pela banca, novas questões surgiram. Ingressei, então, no doutorado, ainda perseguindo os indícios de transformações subjetivas na atualidade.

O tema das transformações subjetivas contemporâneas é, contudo, muito amplo. Não é à toa que vem sendo discutido em diversas áreas do saber das ciências humanas. Na filosofia (ver Harvey, 1999 e Jameson, 1997, por exemplo), na sociologia (ver Bauman, 2004, 2001; Sennett, 1999 e Mellucci, 1996, por exemplo), na psicologia (ver Turkle, 1997, Nicolaci-da-Costa, 2005, 1998, por exemplo) e até na psicanálise (ver Birman, 2000, Bezerra Júnior, 1999; Armony, 2005; Pinheiro e Verztman, 2003; Costa, 2004), fala-se em novas formas de subjetivação. Assim, não só autores de diversas disciplinas vêm se interessando em discutir a subjetividade atual, mas também olhares muito diversos vêm sendo lançados sobre essa subjetividade.

Chama a atenção, contudo, que muitos desses olhares são críticos, até mesmo catastróficos. São poucos os autores que não vêem com maus olhos as transformações subjetivas na atualidade. Fala-se em corrosão do caráter (Sennett, 1999), em dissolução dos laços afetivos (Bauman, 2004) e em masoquismo e crueldade como formas de subjetivação (Birman, 2000). Quando o estudo estreita-se um pouco e trata das relações entre as novas tecnologias – notadamente a Internet – e o sujeito atual, o olhar tende a ser mais sombrio ainda. É verdade que os olhares demasiadamente ingênuos sobre os benefícios que o uso da Rede traz para o sujeito (ver Levy, 1999 e Tapscott, 1997) acabam servindo somente de munição para mais críticas. O mesmo acontece quando aparecem pesquisadores que clamam que Internet é tão poderosa que um dia

livrará o sujeito de seu corpo, transformando o ser humano em puro *software* (ver Featherstone e Burrows, 1995 e Bey, 1998). Dessa forma, parece ser difícil um olhar para o sujeito atual que não seja demasiadamente crítico, tampouco muito benevolente, chegando à ingenuidade.

Dado este contexto, meu objetivo neste trabalho é continuar procurando pistas sobre a subjetividade atual a partir do contato com a Internet, mas agora com um olhar explicitamente positivo. Ou seja, interessa-me olhar o sujeito atual, notadamente no ambiente da Internet, ressaltando os aspectos positivos dessa interação sujeito-Rede.

Para atingir esse objetivo, volto à minha pesquisa de mestrado. Naquela ocasião, não houve tempo para aprofundar algumas questões que apareceram a partir dos resultados apresentados. Além disso, algumas das colocações feitas pelos examinadores na defesa da tese me inquietaram e me fizeram ver que ainda havia muito que se pensar sobre o sujeito atual a partir daquele estudo. Assim, inicio essa tese apresentando aquela pesquisa, no capítulo intitulado “Máscaras em movimento: indícios de transformações subjetivas”. Nesta pesquisa, através de entrevistas com 16 usuários da Internet, procurei investigar indícios de transformações subjetivas a partir do contato deles com a Rede. Do ponto de vista teórico, utilizei os trabalhos de Fredric Jameson (1997; 1993; 1991) e Sherry Turkle (1997) sobre o sujeito da atualidade. Os autores têm em comum a visão de que a subjetividade atual não é igual à subjetividade moderna. Eles acreditam no fim do sujeito centralizado e propõem novas organizações subjetivas. No caso de Jameson, ele acredita que o sujeito atual é fragmentado e, mesmo tentando ter uma visão não-patológica deste sujeito, utiliza a esquizofrenia conforme Jacques Lacan a descreveu como base de seu raciocínio. Já Sherry Turkle, que realizou uma extensa pesquisa com usuários de jogos interativos, ao invés de imaginar um sujeito fragmentado, descreve um sujeito de múltiplos eus. Assim como Jameson, contudo, ela baseia-se em um modelo patológico – o transtorno de múltipla personalidade – para pensar neste sujeito com múltiplos eus. Apesar de os resultados de minha pesquisa terem semelhanças com os resultados apresentados por Turkle, discordo da idéia dela – e também de Jameson – de que é possível partir de uma patologia para caracterizar uma organização subjetiva que, segundo eles, não é patológica.

No capítulo seguinte, “A experiência da multiplicidade” aprofundo o resultado de pesquisa que me pareceu um indício de transformação subjetiva: a experiência de multiplicidade. Essa experiência tinha algumas semelhanças e algumas diferenças com o que Turkle chamou de múltiplos eus. Havia, no

entanto, ao menos um ponto de discordância fundamental: a comparação que Turkle e outros autores como Stone (1995) estabelecem entre os múltiplos eus e o transtorno de múltipla personalidade. Apoiada no trabalho de Ian Hacking (2000) sobre o transtorno de múltipla personalidade, sustento que tal comparação é inadequada e errônea.

Seguindo o objetivo de encontrar descrições positivas do sujeito atual, especialmente aquele que usa a Internet, no capítulo “O brincar e a realidade’ (virtual)”, exponho algumas idéias de um autor vindo da psicanálise: Donald D. Winnicott (1999; 1975). Apesar de ser psicanalista e, portanto, interessar-se pelo tratamento das angústias e sofrimentos subjetivos, Winnicott procurou, em alguns momentos de sua obra, ter um olhar positivo sobre o sujeito. Neste capítulo, aproprio-me dos seus conceitos de espaço potencial e do brincar de forma livre, utilizando-os como inspiração para reflexões. Assim, não utilizo esses conceitos como psicanalista, mas sim como leiga e sem a preocupação de contextualizá-los em sua obra. Dessa forma, proponho que a Internet possa servir, para alguns sujeitos, de espaço potencial, isto é, um espaço neutro, livre das tensões do mundo interno e das pressões da realidade externa. Neste espaço, então, sugiro que alguns sujeitos possam ter a experiência do brincar criativo.

No capítulo que se segue, “Somos todos um *nick*: anonimato e identidade nos *chats*”, afirmo que é nos *chats* que os usuários da Internet podem ter a experiência da multiplicidade e do brincar criativo. Essas experiências são viabilizadas pelo anonimato inicial que os *chats* permitem. Em um *chat*, todos são um *nick*, ou seja, um apelido inventado pelo usuário sobre o qual não há a menor referência (um número de identidade, um amigo em comum, ou mesmo um rosto ou uma voz). Esse anonimato foi o que possibilitou muitos de meus entrevistados, por exemplo, sentirem-se mais livres na Rede, pois não se sentiam julgados pelos outros por seus modos de vestir, sua aparência física ou seu *status* social. Após um período de anonimato, no entanto, meus entrevistados criavam uma verdadeira identidade virtual, através de uma série de referenciais estáveis. Esses referenciais consistiam desde entrar sempre com o mesmo *nick*, em um mesmo *chat*, encontrar as mesmas pessoas, até manter um discurso coerente sobre si mesmo e as características atribuídas ao seu *nick* nos *chats*. O interessante, no entanto, é que essa identidade virtual não necessariamente é equivalente a uma suposta identidade no mundo *offline*, já que na Rede meus entrevistados relataram sentir-se e expressar-se de forma diferente de como fazem fora da Internet.

Termino a tese afirmando que é fundamental que tenhamos uma visão positiva acerca das transformações subjetivas na atualidade. É esse tipo de olhar que, aliado ao olhar crítico – mas não catastrófico – permite-nos apostar no futuro e na vida. Ao final deste trabalho, também dou alguns exemplos de indícios de transformações subjetivas fora da Internet, obviamente concluindo que ainda há muitas perguntas a serem respondidas e muito trabalho pela frente.